

# NA BIBLIOTECA

Claudia Roquette-Pinto<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> É poeta, vencedora do Prêmio Jabuti de Poesia/2002.

*A cena era essa: a mulher de olhos pintados, meticulosamente bem maquiada, bem penteada, sentada, ereta, na pontinha do enorme sofá de veludo francês, completamente nua, à exceção do colar em volta do pescoço, com a camélia de prata e diamantes, e as três pedras do pingente, imensas, caindo sobre o colo, apontando em direção aos seios, envolta num grosso cobertor quadriculado, que descia até seus pés, cobrindo-os por completo, e do qual seu torso, muito branco e quase frágil, parecia emergir de maneira tão natural quanto (inclua-se aqui qualquer metáfora da natureza: a pérola da ostra, a flor de sua folhagem, a anêmona do meio dos corais, a noz de sua casca, ou, ainda a mão da luva; etc).*

*Mas, voltando à mulher nua: a mulher nua, meio envolta pelo cobertor, o olhar fixo em direção à porta, e trás dela, (da mulher, não da porta), prateleiras e mais prateleiras de uma farta biblioteca, repleta de livros antigos, em cujas lombadas o sol da tarde acertava, não em cheio (o que seria luz demais para o clima quase noir deste enredo), mas de soslaio, refletindo-se nos espelhos de moldura dourada e pesadíssima, espalhados pelas paredes, a luz realçando o brilho gasto do couro e as gravações em ouro velho das encadernações. Ela olhava na direção da porta - isso porque, o que estava para acontecer, naquele ambiente opulento e oscilante, em meio à profusão de estímulos (o tecido adamascado cor-de-vinho – peraí, mas não era veludo francês ? Ok, cetim adamascado, veludo francês, tanto faz, o importante é que seja um tecido caro; a idéia aqui é insinuar suntuosidade – continuando: o toque suntuoso do veludo, o cheiro do couro manuseado dos livros, o brilho do ouro nas letras cambiantes das lombadas, sob os dedos lentos do sol quase a se pôr – opulento, vá lá, mas você não acha que já está exagerando? “sob os dedos lentos do sol quase a se pôr” ?! não sejamos ridículos – ora, lasciamе parlare! – sob os dedos lentos do sol quase a se pôr, sim, o contraste entre a aspereza do cobertor, escuro, felpudo e a maciez leitosa daquela pele, refratando, por sua vez, a luz difusa do abajur (não, obviamente, aqui ele não poderia*

ser lilás; talvez mais adiante, quem sabe, na cena do motel?), *colocado de forma estratégica sobre a mesinha de pés de rãdica trabalhada, de modo a acentuar os ricos detalhes do imenso biombo Coromandel, aceso antecipadamente por algum mordomo prestimoso, o qual, conhecendo de cor os hábitos da alta burguesia, a quem, aliás, já vinha servindo há mais de trinta anos de sua franciscana vida, antecipara-se à ordem dos patrões, prevendo a promessa de aconchego (ou o potencial lúbrico ?) daquele recanto da casa – ei, você esqueceu de mencionar o cheiro distante da fumaça – sim, a fumaça escura dos cachimbos, de mistura ao perfume floral que a pele da mulher exalava, tudo isso, somado ao aroma leve, muito leve, do seu suor (algo assim como, num vinho, o arrière-gôut do carvalho ou da baunilha ainda presentes na madeira do tonel), enfim, o que estava para acontecer em meio àquela profusão de estímulos foi rudemente interrompido pela entrada em cena da pessoa para quem a mulher olhava agora, com olhos que não poderíamos definir se acusadores ou convidativos (debaixo das sobrancelhas bem delineadas, e emoldurados, acima e abaixo, o por um traço fino de lápis khol-kajal), os lábios levemente entreabertos (a sugerir, como num romance inglês, seu mal-disfarçado frêmito de ultraje pela invasão de privacidade), pessoa a qual, certamente, teve que se deter na soleira da porta - não apenas pelo impacto que a beleza da cena lhe causava (como eu já disse, a mulher nua, a camélia de brilhantes, a profusão de livros, a luz derramada, etc, etc), como pelo simples fato de não saber o que fazer diante do gigantesco tigre que, naquele exato instante, avantajava-se, de orelhas em pé e rabo em riste, por sobre a mulher quase imóvel, como se prestes a possuí-la.*

Claudia Roquette-Pinto

